



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A HOMOFOBIA TRABALHA AO LADO: O PRECONCEITO ENTRE DOCENTES

José Cleudo Gomes¹

Universidade Federal da Paraíba

cleudo.ufpb@gmail.com

Fernando César Bezerra de Andrade²

Universidade Federal da Paraíba

frazec66@gmail.com

RESUMO

A massificação da homofobia na escola também está associada à postura de professores/as que reproduzem práticas homofóbicas, o que se comprova pelas inúmeras pesquisas quantitativas e estudos qualitativos realizados no interior de escolas, a exemplo deste estudo, que resultou de Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia na Universidade Federal da Paraíba, no ano de 2013. Neste artigo, o objetivo geral é analisar efeitos de uma formação docente para a superação da homofobia entre profissionais de uma escola pública em João Pessoa/PB. Manifestações de discriminação e preconceito com relação a um professor gay da escola motivaram a intervenção cujos efeitos foram analisados na pesquisa. Adotamos, como estratégia metodológica qualitativa, a entrevista no contexto de um estudo de caso do professor alvo da homofobia: os dados coletados evidenciaram que as práticas homofóbicas continuaram na escola, provavelmente porque os docentes tiveram dificuldades em romper com padrão heteronormativo; parte dessa dificuldade é interpretada como resultado da rígida associação entre heteronormatividade e identidades, em especial a identidade sexual; mas a análise dos dados também indicou que o projeto contribuiu para uma mudança de postura do professor discriminado, ainda que essa mudança também tenha revelado estratégias defensivas utilizadas para negar e evitar o confronto com os colegas. Entendemos, por fim, que, para a escola deixar de ser um espaço de opressão homofóbica, carece também questionar os fatores particulares que determinam a vulnerabilidade do alvo de violência e a reprodução, entre docentes, dos padrões preconceituosos e dos discursos religiosos mantinham a cultura escolar presa à heteronormatividade.

Palavras- Chave: Homofobia, Escola, Docentes.

¹ Mestrando em Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação/UFPB, Graduado em Pedagogia/UFPB.

² Doutor em Educação e Professor do PPGE/UFPB.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

INTRODUÇÃO

A escola é um ambiente plural, como afirma Caldas (2007, p. 18), “atua, portanto, na construção de discursos sobre os mais variados temas e aspectos da vida e um desses aspectos, prenhe de significações e posturas (significações em estreita vinculação com estas posturas), é sexualidade.” Por isso, os diversos atores que trabalham e estudam na escola devem ser respeitados, inclusive no que diz respeito a suas orientações sexuais e posições de gênero, já que o espaço escolar deve ser um ambiente de diversidade.

Todavia, a escola está repleta de manifestações de intolerância e violência homofóbica: no cotidiano escolar, docentes e discentes homossexuais vivenciam brincadeiras, chacotas e piadas feitas por colegas, que aparentemente são inofensivas, mas que terão consequências na autoestima das pessoas discriminadas (JUNQUEIRA, 2009, p.17).

Borrillo (2010, p.13) define homofobia como “uma manifestação arbitrária que consiste em designar o outro como contrário, inferior ou anormal; por sua diferença irreduzível, ele é posicionado à distância, fora do universo comum dos humanos”.

A homofobia decorre do conceito de heteronormatividade, socialmente aceita como normal, desprezando-se outras orientações sexuais graças à dominação masculina, inferiorizando mulheres e homossexuais e mostrando que assumir a homossexualidade ou a bissexualidade é deixar de ser humano: a heterossexualidade é representada exclusivamente como a alternativa viável para a experiência identitário-sexual humana.

Para melhor compreender o que é homofobia, recorro ainda a Carvalho, Andrade e Junqueira (2009, p.24), que definem bem mais descritivamente ser o

termo comumente utilizado para definir o medo, o desprezo, a desconfiança, o ódio, a hostilidade e a aversão em relação à homossexualidade e às pessoas homossexuais ou identificadas como tais. A homofobia [...] está na base de preconceitos, discriminações e violências contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A massificação da homofobia na escola também se associa à postura de docentes que não desconstruem estas práticas homofóbicas. Isto se comprova pela *Pesquisa Juventude e Sexualidades*, realizada em 14 capitais brasileiras e 241 escolas, publicada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), na qual foram entrevistados 3.099 educadores/as, dos quais 60% não sabiam como abordar a questão da homossexualidade em sala de aula, porque não tinham conhecimento suficiente acerca das questões relacionadas à temática; tal dado mostra o despreparo dos profissionais de educação para atuar com a diversidade sexual na escola e como este fato provavelmente colabora com a reprodução do preconceito (ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004).

Foram entrevistados, ainda na mesma pesquisa, 16.422 alunos/as, dos quais 27% afirmaram que não gostariam de ter colega de classe homossexual: mais alarmante é que dos 4.532 mães e pais consultados, 35% asseguravam não apoiar que seus filhos/as estudassem no mesmo local que gays e lésbicas. Esta pesquisa mostrou que a homofobia é reforçada e reproduzida na escola, de fora para dentro e vice-versa.

Esses dados, estarecedores por serem discriminatórios, motivaram a investigar sobre este assunto, pois comprovam que a falta de conhecimento sobre diversidade sexual e gênero tende a ser prejudicial para as pessoas homossexuais na escola, geralmente hostilizadas por toda a comunidade escolar.

No decorrer do curso de Pedagogia, o autor principal deste artigo participou do Projeto PROLICEN³ *Relações de Gênero e Sexualidade na Educação de Jovens e Adultos (EJA) Municipal: subsídios para uma formação continuada* (SANTOS; ANDRADE, 2011). A partir da inserção neste projeto o autor principal deste artigo definiu seu objeto de estudo para a pesquisa de conclusão de seu curso (GOMES, 2013): eventuais efeitos da participação em um projeto de formação docente continuada para a superação da homofobia entre educadores.

Participaram do Projeto PROLICEN dez educadores da Escola Açnadum⁴, envolvidos/as com a Educação de Jovens e Adultos: dois homens e oito mulheres – sete docentes, uma diretora adjunta, uma assistente social e uma coordenadora pedagógica.

³ Projeto de Iniciação à Licenciatura da UFPB, coordenado pelo Prof. Dr. Fernando César Bezerra de Andrade, no período de maio a novembro de 2011.

⁴ Além do cuidado, em respeito à questão de ética, para preservar a identidade da escola e dos profissionais que participaram do processo de formação, Açnadum tem um significado particular: é a palavra “mudança” escrita ao contrário. É uma forma imperfeita de espelhamento do vocábulo, para evidenciar que a escola parecia ser, à época da formação docente e aos olhos dos formadores em contato com os participantes, contrária a mudanças.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Promoveram-se oficinas pedagógicas para tais profissionais, em virtude da necessidade de formação continuada para atuar nesta modalidade com a temática das relações de gênero, sexualidades e combate à homofobia no ambiente escolar.

Finda a intervenção, o primeiro autor deste artigo retornou à escola, para analisar os efeitos desta formação, da qual também participou um professor que lecionava Inglês, sendo ele o alvo mais visível da homofobia, na modalidade da EJA, no turno da noite. Devemos lembrar, também que a escola pública, localizada na periferia da cidade de João Pessoa.

O professor Benny⁵, que sempre esteve no centro das situações homofóbicas que aconteciam na escola, como alvo de discentes e de seus próprios colegas, mantinha-se, após dez meses, na Açnandum. Ele foi entrevistado, por considerarmos que sua perspectiva seria fundamental para avaliar tais efeitos: ninguém melhor que ele para sentir se teriam ocorrido mudanças e algo no sentido da superação da homofobia.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para realização da pesquisa, contamos com a colaboração de Benny, o alvo da homofobia na escola. Por isso, adotamos o estudo de caso, segundo Gil (1994, p. 78), “pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir conhecimento amplo e detalhado do mesmo”.

Esta decisão por um único sujeito no estudo de caso levou em consideração a afirmação de Severino (2007, p.121), que diz:

O caso escolhido para a pesquisa deve ser significativo e bem representativo, de modo a ser apto a fundamentar uma generalização para situações análogas, autorizando inferências. Os dados devem ser coletados e registrados como o necessário rigor e seguindo todos os procedimentos da pesquisa de campo. Devem ser trabalhados, mediante análise rigorosa [...].

⁵ Já que o professor participante ensinava a língua inglesa na escola campo pesquisada, de agora por diante o identificaremos com o pseudônimo de Benny, em alusão a um dos músicos do grupo sueco ABBA, responsável por inúmeros *hits* musicais apreciados pelo professor.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

As reflexões feitas pelo professor Benny e os conteúdos implícitos no seu discurso durante o processo de formação continuada realizado na Escola Açnadum foram decisivos para a escolha por um único caso para este trabalho. O seu discurso, no decorrer das oficinas pedagógicas, durante a intervenção que antecedeu esta pesquisa, foi emblemático, carregado de simbolismos e significados, com que o professor sempre afirmava vivenciar situações de discriminação na escola: em algumas atividades das oficinas, suas falas assemelhavam-se a um pedido de socorro, suplicando por ajuda no enfrentamento à homofobia naquela escola.

Para isso, recorreremos ao uso da entrevista com roteiro semiestruturado, que foi gravada, transcrita na íntegra para categorizar o conteúdo das respostas obtidas para a análise das informações. Perguntamos a Benny: Como os docentes da escola que participaram da formação se comportavam em situações homofóbicas no ambiente escolar? A intervenção pedagógica realizada contribuiu para desconstrução do preconceito? As situações apresentadas no ano anterior ainda persistiam após a formação? O preconceito continuou após a formação? Por quê? Como você avalia os resultados do Projeto Prolicen?

Após a realização da entrevista, utilizamos a técnica da análise de conteúdo, com a finalidade de analisar os dados.

Para Bardin (1977, p. 38) a análise de conteúdo é

um conjunto de técnicas de análise de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens [...] A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e de recepção das mensagens, inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não).

Com a análise dos dados da entrevista constatamos, da perspectiva do professor Benny, os efeitos do processo de formação realizado na Escola Açnadum, enriquecendo assim a leitura dos dados coletados. Conforme afirma Chizzotti (2006, p. 98), “o objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas”.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Com isso, fizemos uma leitura crítica e interpretativa da entrevista do professor Benny, associada ao que foi apresentado pelos participantes durante a formação, tais como constam no Relatório Final do Projeto Prolicen, como também utilizamos referenciais teóricos que discutem sexualidades, gênero e homofobia.

ANÁLISE DOS RESULTADOS⁶

O cenário em que a pesquisa se desenvolveu supôs as intervenções organizadas durante o projeto PROLICEN *Relações de Gênero e Sexualidade na Educação de Jovens e Adultos (EJA) Municipal: subsídios para uma formação continuada*, lidando com as identidades sexuais, entendendo-as como construções culturais que inscrevem as distintas formas de experimentar prazeres e desejos corporais (LOURO, 1997). Obviamente, no decorrer das oficinas pedagógicas, foram discutidas outras facetas das múltiplas identidades (tantas quantas possível), considerando que “os sujeitos são constituídos por gênero, raça, etnia, geração, classe, nacionalidade, entre outros. Os sujeitos são muitas coisas ao mesmo tempo, possuem diversas identidades” (RIBEIRO; SOARES; FERNANDES, 2009, p. 184).

Ora, nesse processo, juntamente com outros integrantes da equipe interventora, observei a resistência dos profissionais da Açnadum em discutir e problematizar estas diversas identidades, em especial as identidades sexuais. Isto se verificava pela ausência de vários profissionais que, não sendo obrigatória a participação, não se matricularam. Ademais, antes dessas intervenções da equipe universitária, não foram registradas formações periódicas sobre tais temáticas. Os comentários feitos à época atestaram que professores homofóbicos não participaram do Projeto Prolicen (SANTOS; ANDRADE, 2011); por sua vez, aqueles/as que participaram vinham esporadicamente às oficinas e não apresentavam desempenho satisfatório, por exemplo, em atividades que solicitavam a rememoração de conceitos já apresentados em oficinas anteriores. A baixa performance intelectual, as ausências e mesmo os atrasos sugeriram fortemente a resistência daqueles/as profissionais a envolverem-se com esta temática.

⁶ O emprego da primeira pessoa nesta seção deve-se ao fato de ter sido extraída diretamente do trabalho de conclusão de curso do primeiro autor, que buscou intelectualmente evidenciar sua voz como analista por esse meio.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Como pesquisador, mesmo com um certo sentimento de frustração compartilhado com a equipe que interveio na Açnadum, retornei à escola para analisar possíveis impactos e as mudanças de comportamentos após a realização. Ora, no intervalo de dez meses, muita coisa aconteceu: alguns docentes não tiveram seus contratos renovados pela Secretaria de Educação; uma encontrava-se de licença maternidade; a diretora adjunta havia mudado de turno; a coordenadora pedagógica estava de licença, pois cursava mestrado no exterior.

Ao dar-me conta disto, reconfigurei o número de participantes da pesquisa – já não mais podendo ouvir todos, ouviria quem mais sentiria efeitos daquele processo, o professor Benny, alvo da discriminação por causa da sua homossexualidade assumida e, claro, por sua posição de gênero punida pelo preconceito (o fato de ser efeminado): ele tinha participado da formação continuada em 2011 e havia permanecido na escola. Professor de Inglês, tinha sua vinculação com a escola mantida por conta de contrato temporário (muito comum nas redes públicas paraibanas), renovável anualmente e por indicação da direção da escola, o que acontecia há alguns anos.

Benny a princípio avaliava positivamente a formação docente realizada na Açnadum, informando que a ação tinha contribuído para mudança de postura de seus colegas: *“Ah, com certeza que contribuiu... É tanto que eu gostei demais das oficinas né? E... Eu acho assim trouxe mais conhecimento pra mim... Trouxe mais incentivo para que eu... é... Sempre esteja pesquisando mais, tentando conhecer...”*. Chamou minha atenção o fato de que os elementos aportados por Benny diziam respeito a si (*eu gostei demais... trouxe mais conhecimento pra mim... Trouxe mais incentivo para que eu...*).

Porém, se Benny reconhecia ganhos, não via o mesmo quando se tratava dos colegas, ainda que o processo de formação tenha sido para todos; infelizmente notei, a partir das respostas do professor, que provavelmente não houve mudanças em seus colegas. Ao referir-se ao grupo, usou o pronome genérico “a gente”, num discurso mais próximo da teoria (também chamado, por vezes, de “ideológico”):

*A gente precisa de ter esse apoio externo né? Oficinas, palestras, a gente...
Eu acredito que só vem acrescentar cada vez mais... Informação pra... Pra...*



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

*Essas famílias... Que estão aí... Que ainda não se conscientizaram...
Alunos... E tudo mais.*

Não seria difícil entender, no “a gente”, o “eu” de Benny. Ele reconhecia a necessidade do apoio externo (como o oferecido pelos interventores), afirmando que outros *não se conscientizaram...* Mas o professor não identificava modificações na prática pedagógica do corpo docente da Escola Açnadum: não se sentia capaz de fazer menção a mudanças, por considerá-las identificáveis apenas por quem estivesse em contato direto com o alunado. *“Eu não assim... Posso relatar muito sobre isso... Porque eu assim... Não estou presente com eles nas suas salas de aulas... Nas suas salas de aulas... Nos momentos...”*

Entretanto, se tivessem ocorrido mudanças no comportamento dos seus colegas de trabalho, Benny não precisaria acompanhá-los em suas salas de aula, até porque a disseminação da homofobia ocorria nos diversos espaços físicos da escola; o próprio professor, ainda que sem tal acompanhamento dos colegas, reconhecia que *“alguns deles ainda têm ideias bem atrasadas sobre o que é ser homossexual! Que você tem que se comportar como eles dizem entre aspas, ‘como homem’, você tem que falar assim... Você tem falar assado... Você tem que andar assim”*.

Com isso, a discriminação contra Benny era reproduzida também pelos professores/as que participaram da formação continuada do Projeto, os quais faziam explícita alusão a sua voz fina e aos seus trejeitos afeminados (*“você tem que falar assim... você tem falar assado... você tem andar assim”*), mostrando que o comportamento dele era diferente dos demais e por isso não era aceito.

As práticas homofóbicas que permeavam na Escola Açnadum, não exclusivamente vindas dos discentes contra o professor Benny, também advinham dos seus próprios colegas de trabalho, mesmo que o docente não as reconhecesse:

Eu... não souro discriminação, propriamente por parte de nenhum colega... às vezes tem algumas... algumas brincadeiras assim... posso dizer de graça... assim comigo, coisas que às vezes não gosto, mas eu faço de... conta que... que... que gostei... que levei na esportiva.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Como não sofrer discriminação, se faziam piadas e ele não gostava, fingindo levar na esportiva? A discriminação ocorria e ele não falava *“coisas assim, que não abri ainda, não expus... pra ninguém... pra equipe técnica, não conversei com as pessoas que fazem às vezes essas... essas brincadeiras... ou... Coisa assim... até comentário bobo, tipo... Ah... Ser assim é pecado. É... Porque vou te ver qualquer dia com uma mulher. Porque eu já escutei isso, várias vezes... até recentemente”*.

No caso da Açnandum, devo acentuar, o discurso religioso acentuava o preconceito: os comentários dos colegas do professor foram influenciados pelo discurso religioso que *“legitimou instituições e práticas sociais baseadas em um conjunto de valores heteronormativos, os quais levaram à discriminação negativa e à punição de diversos comportamentos sexuais, sob a acusação de crime, pecado ou doença”* (PRADO; MACHADO, 2008, p. 12).

O próprio Benny reconhecia que esses comentários eram desnecessários, pois *“Tem coisa que eu acho... não deveria ser comentada nem entre... entre colegas de profissão... que... vamos dizer que fere ideologias pessoais de cada um”*. A fala do professor é marcada por inúmeras pausas, aqui registradas com o uso das reticências, comprovando como era difícil para ele, tanto emocional quanto cognitivamente, perceber que os seus colegas de trabalho o discriminavam.

Benny afirmava que havia homofobia dos alunos contra ele, mas não dizia claramente que havia homofobia docente, por ser esta particularmente dolorosa e cruel: entre iguais, desprotegido institucionalmente pelo que seria o lugar do professor junto aos alunos (um lugar de autoridade a ser preservada, portanto), Benny defrontava-se com a exclusão por seus pares. A homofobia não apenas atinge a orientação sexual e a identidade de gênero, mas neste caso alcança o lugar social, a autoridade docente, que é destituída até pelos companheiros de trabalho (LOURO, 1997). Com isso, o professor se utilizava de estratégias para negar a discriminação dos colegas, algumas vezes o silêncio de Benny favorecia aos comportamentos preconceituosos existentes na Escola Açnandum.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Perguntei ao entrevistado se a direção tinha conhecimento destes fatos e como era sua relação com a gestora da Açnadum; ele respondeu:

A direção ela... Acho que ela não tem conhecimento disso, não. Não cheguei a... E assim a direção não, a gente... Eu não tenho nenhum problema com a direção em relação à... À homofobia, não. Nesta questão não... Até agora não surgiu, não, graças a Deus [risos].

Ele isentou a gestão da escola da responsabilidade de coibir os atos homofóbicos (“*acho que ela não tem conhecimento disso, não*”): como ela não tem conhecimento, se as ocorrências de discriminação eram conhecidas por todos/as? O fato de evidenciar que não havia problemas com a gestora (“*eu não tenho nenhum problema com a direção em relação a... A homofobia*”) mostra que, se houvesse, poderia ser um dado negativo para sua permanência como docente: ele chega agradecer a Deus por isso, sugerindo que, de um lado, se a gestão soubesse, e não interviesse, ele poderia sentir-se especialmente desamparado; de outro, ele teria o seu meio de sobrevivência ameaçado, já que são os gestores que indicam quais prestadores de serviço terão seus contratos renovados pela Secretaria de Educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ficou claro, para nós, que fatores grupais e individuais incidiram sobre os efeitos da intervenção na Açnadum. De um lado, como cenário anterior à pesquisa, docentes não se foram obrigados a participar do projeto – o que já eliminou, do grupo participante, aqueles mais resistentes a considerar uma abertura no sistema de pensamento sobre esse tema; ademais, quem participou apresentou baixo rendimento – medido por atividades de revisão e fixação em que as respostas a perguntas conceituais sobre gênero e sexualidade, em frequência e qualidade, deixaram muito a desejar, a despeito da simplicidade e da repetição com que tais conceitos foram apresentados (SANTOS; ANDRADE, 2011). A escola, que



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

precisava refletir sobre a multiplicidade de identidades de gêneros e sexuais, existentes hoje na sociedade e em seu interior, não apenas atacava Benny (e discentes homossexuais), desrespeitando-o dentro do próprio ambiente escolar, como não o reconhecia como sujeito de direito e profissional entre profissionais.

Por outro lado, os dados da pesquisa demonstraram que a intervenção empoderou um pouco o professor, que não se sentiu mais tão só e que começou a ouvir o discurso da multiplicidade das orientações circular nas oficinas. Isto, porém, em nada mudou o clima educacional na escola, a julgar pelo que Benny deixou entrever em sua fala. Por isso, provavelmente, sua negação da homofobia entre colegas persistiu, de modo a poder, com ela, suportar a convivência com quem o reprovava ao invocar discursos como o religioso (segundo o qual a homossexualidade é pecado, erro).

A escola só será de fato inclusiva, humanizada e democrática quando de fato for um “espaço político de divergências e de consensos provisórios, de formação para cidadania, além de capacitar tecnicamente os sujeitos para uma vida” (TORRES, 2010, p. 37).

A Escola Açnadum é uma amostra explícita de como a resistência à mudança de conceitos e valores é presente entre profissionais da educação, e o quanto a escola é um lugar importante para conservar ou, na melhor das hipóteses, mudar o conhecimento sobre a homofobia, contribuindo para sua superação. Enquanto a homofobia trabalhar ao lado, na sala vizinha, será difícil (senão impossível) pretender uma educação verdadeiramente democrática e justa.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia; SILVA, Lorena Bernadete da. **Juventude e Sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004. 426p.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

BORRILLO, Daniel. **A Homofobia**. In: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Debora. *Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio*. Brasília: Letras Livres : EdUnB, 2009.

CALDAS, Carlos Alberto Amorim. **A Escola faz diferença? Um estudo da produção discursiva das homossexualidades por professores de ensino médio**. 2007. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Belém.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; ANDRADE, Fernando César Bezerra de; JUNQUEIRA, Rogério Diniz; **Gênero e diversidade sexual: um glossário**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2009.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Editora Cortez, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GOMES, José Cleudo. **Quando o professor é o alvo da homofobia: análise de efeitos de uma formação docente**. 2013. 84 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma Perspectiva Pós-Estruturalista**. 11º Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana; **Preconceitos contra homossexualidade: a hierarquia da invisibilidade**. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Janaína Ferreira; ANDRADE, Fernando César Bezerra de. **Relatório do Projeto PROLICEN Relações de Gênero e Sexualidade na EJA Municipal: subsídios para uma formação continuada**. João Pessoa: UFPB, 2011.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

RIBEIRO, Paula Regina Costa; SOARES, Guiomar Freitas; FERNANDES, Felipe Bruno Martins. **A Ambientalização de professores e professoras homossexuais no espaço escolar**. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação**:



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

TORRES, Marco Antonio. **A diversidade sexual na educação e os direitos de cidadania LGBT na Escola.** Belo Horizonte: Editora Autêntica; Ouro Preto/MG: UFOP, 2010.